



Nem tudo o que é verde é “natural”

A seguir ao farol, talvez fosse o segundo elemento da Berlenga a prender o olhar à chegada e ainda antes de o barco atracar. O enorme tapete verde que se estendia na encosta virada a sudeste tinha o seu encanto. Dele brotava uma bonita flor lilás.

Em contraste com a superfície rochosa da ilha, estes apontamentos floridos gerados pelo chorão-das-praias eram bastante apreciados. O que a maior parte das pessoas desconhecia é que esta era uma planta invasora, não natural, que impedia outras espécies, essas sim nativas, de aflorarem.

Joana Andrade, coordenadora do Departamento de Conservação Marinha da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), conta que foi removido 90% do chorão da ilha e que só não foi retirada a totalidade porque a restante se situa numa encosta muito inclinada e sensível.

A bióloga recorda que a retirada do chorão “causou muito incómodo”. Percebe porque: “as pessoas conhecem a ilha no verão quando a vegetação está toda seca, mas a Berlenga na primavera é linda, só que ninguém vai lá nessa altura”.

Nas áreas de onde foi retirado o chorão surgiram de imediato as plantas nativas, umas naturalmente, outras ajudadas por sementeira. Esta foi uma das medidas do projeto Life Berlengas que a SPEA dinamizou em parceria

com a Câmara Municipal de Peniche, o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), a Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM) e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Financiado, a nível europeu, pelo programa LIFE e, a nível nacional, pelo Fundo Ambiental, o Life Berlengas permitiu o desenvolvimento de uma série de ações, entre 2014 e 2019, com vista ao restauro do ecossistema insular, à monitorização das populações de aves marinhas e ao acompanhamento da atividade humana, sobretudo no turismo e nas pescas. A remoção de plantas e animais invasores era uma preocupação no que à proteção da flora endémica dizia respeito e a ilha tem três. A arméria-das-berlengas, a pulicária-das-berlengas e a herniária-das-berlengas não existem em nenhuma outra parte do mundo, só ali.

Para manter a biodiversidade da ilha, outra ação desencadeada no contexto do Life Berlengas foi a remoção de roedores, vorazes consumidores da vegetação nativa. Dos 2.800 a 3.100 ratos-pretos que se estimava ali habitem, já não existe nenhum. Foram dois meses de “um grande esforço em termos de recursos humanos”, refere o relatório do projeto, mas em 2018 a Berlenga pôde ser declarada livre de roedores. Desde

então, encontram-se em curso medidas de biossegurança para prevenir a chegada de novos roedores à ilha.

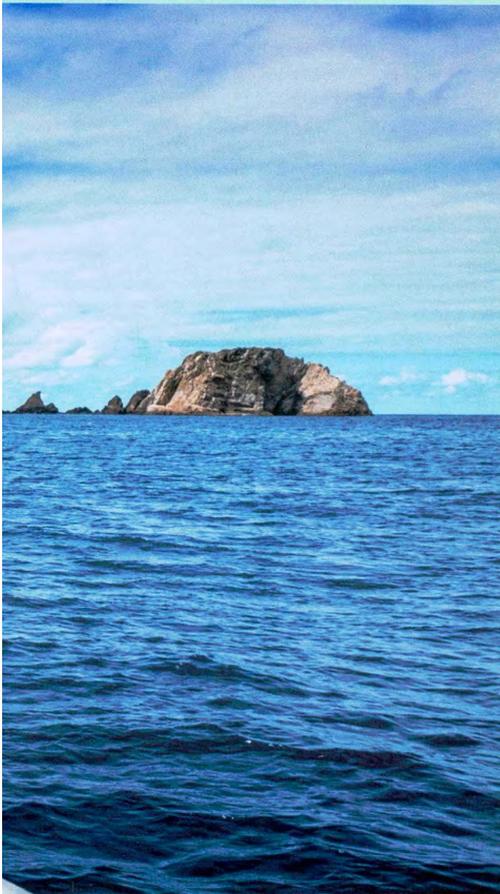
Também os coelhos, apesar de em menor número - a sua população estimava-se entre 33 e 143 indivíduos - eram invasores e foram igualmente retirados.

Joana Andrade explica que “um pouco por todo o mundo a presença de mamíferos não nativos em ilhas é uma das principais ameaças à biodiversidade, porque as espécies que aí evoluíram não cresceram em conjunto com estas e não têm mecanismos de lidar e de reagir”.

RESERVA NATURAL PERDEU A AVE QUE A SIMBOLIZAVA: O AIRO

Tal como as plantas endémicas, também as aves marinhas têm sido vítimas das espécies invasoras. Era o caso do roque-de-castro que nidifica no Farilhão Grande e que, de há dois anos para cá, voltou a ter postura também na Berlenga. A equipa da SPEA acredita que não o fazia devido à predominância de ratos e gaiivotas.

Menos sorte se tem tido com o airo. O que se passou com esta ave marinha é um exemplo eloquente do impacto das espécies invasoras e da atividade humana na biodiversidade. O airo que é o símbolo da Reserva Natural das



Equipa do Life Berlengas removeu cerca de 90% do chorão da ilha. Foto: Fotojonic

ESPÉCIES INVASORAS

40.000 m²

Em 2014, a área ocupada pelo chorão era de aproximadamente 4 hectares (cerca de quatro campos de futebol). A equipa do Life Berlengas removeu cerca de 90% da planta invasora. No seu lugar já nasceram plantas nativas, naturalmente ou ajudadas com sementeiras.

3.100

Era o número de ratos-pretos que se estimava existirem na ilha. Hoje já não se encontra esta espécie na Berlenga que era uma voraz consumidora da vegetação nativa. Em 2018, a ilha foi declarada livre de roedores.

143

Em menor número, mas igualmente invasores, os coelhos presentes na ilha seriam entre 33 e 143, concentrando-se nas vertentes com solo mais profundo onde podiam cavar as tocas. Também foram removidos pela equipa do Life Berlengas.

Berlengas - declarada em 1981 - deixou de ali nidificar há quase 20 anos. Joana Andrade conta que "eram muito abundantes e que havia milhares de casais na primeira metade do século passado". Os biólogos acreditam que o aumento da população de gaivotas e o uso de redes de emalhar sintéticas, que não se veem debaixo de água e onde o airo ficaria preso quando mergulha para capturar peixe, terão contribuído para o seu desaparecimento. Esta ave marinha é abundante no Atlântico Norte e a Berlenga era o seu local de nidificação mais a sul. Quando existiam airos a nidificar na ilha, Joana Andrade explica que "era o único sítio onde encontrávamos airos e cagaras". Para estas, a Berlenga é o limite norte, enquanto que para o airo era o limite sul". Um encontro raro e único no mundo que deixou de poder ser observado.

Outra componente do Life Berlengas foi o acompanhamento das atividades humanas, em particular a turística e a piscatória. Ao nível do turismo, Joana Andrade destaca que "foi importante melhorar a informação disponível para os visitantes, recuperar os trilhos, melhorar a sinalética". Foi inclusivamente construído um centro de interpretação onde se disponibilizam várias informações.

Já no que às pescas diz respeito, a bióloga sublinha o seu impacto na vida animal da ilha, sobretudo as aves, devido às capturas acidentais com as artes de pesca. "Por vezes ficam presas nas redes ou são atraídas para os anzóis".

Este é um tema a que a SPEA já se dedica há pelo menos 10 anos, com o objetivo de perceber quais as espécies mais afetadas e em que altura do ano. Em conjunto com os pescadores, algumas medidas têm vindo a ser testadas e com resultados animadores. É o caso do "papagaio afugentador", em forma de ave de rapina, que é colocado nas embarcações.

AINDA HÁ ESPERANÇA?

A relação que os biólogos conseguiram consolidar com a comunidade de pescadores é importante para a fase em que os elementos da SPEA agora estão a trabalhar: o pós-Life. "O Life Berlengas terminou mas continuamos a trabalhar neste tema das pescas porque

conseguimos dois projetos financiados pelo programa MAR 2020", adianta Joana Andrade. Um deles é o Anzol+ que é desenvolvido com os pescadores da pesca de anzol da Berlenga. O objetivo é encontrar forma de "tornar essa pesca mais sustentável e valorizar a captura por se aplicarem técnicas de seletividade e de terem aspetos mais sustentáveis". Sendo uma área protegida, "deve promover-se e valorizar-se o pescado", sustenta.

Apesar dos bons resultados alcançados com as ações do projeto Life Berlengas, as preocupações persistem quanto à conservação dos habitats. Uma delas é a diminuição da população de cagarra - uma ave marinha nidificante no arquipélago - nos Farilhões. Podem ser vários os motivos: pressão das gaivotas que naquele ilhéu são menos controladas, alterações climáticas ou mudança nas populações de presas de que as cagaras dependem.

Já sobre os efeitos da visita à ilha da Berlenga, Joana Andrade acredita que "havendo regras implementadas e cumprimento por parte das pessoas, nomeadamente não sair dos trilhos, não tem impacto". Mas não é isso que sucede: "durante o dia, as pessoas saem constantemente dos trilhos", constata. O desrespeito adquire contornos mais graves quanto maior for o número de visitantes. Antes de ser imposto o limite de carga humana máxima, a bióloga recorda que havia dias com mais de 1.100 desembarques, ou seja, durante o curto período do verão, a ilha chegava a ter 80 mil visitantes.

Uma das formas de contornar a questão é, no entender de Joana Andrade, "diversificar o circuito" e incentivar a visita à Berlenga também na primavera, "altura em que a ilha tem umas cores lindas e já está tempo muito agradável".

É com este tipo de medidas, envolvendo vários atores, que os riscos à preservação do ecossistema da Berlenga podem ser controlados. Há trabalho feito e há resultados que permitem concluir que é possível.

"Há dois anos observámos no verão um airo pousado no carreiro dos Cações. Um airo pousado na Berlenga é algo que já não se vê há quase 20 anos", desabafa a bióloga. Aos poucos, há vida que parece estar a regressar. Ainda há esperança. ●